Os Castros: Património e Desenvolvimento

José Miguel Miranda

Património e Desenvolvimento

1 Índice

2 Introdução

No âmbito social do desenvolvimento do património a proposta contida neste trabalho pretende estabelecer uma ligação entre um caso de património histórico existente em território português com um processo que reabilitação que conduzisse a uma mais-valia para o desenvolvimento da comunidade em que este se insere.

Nesse sentido a escolha incidiu sobre o projecto da Rede de Castros do Noroeste, que abrange várias localidades do Noroeste Português, em colaboração com a vizinha Galiza.

No dia 20 de Maio de 2004, em Paços de Ferreira, durante o Colóquio Uma Deusa na Bruma, foi iniciado um projecto denominado de Rede de Castros do Noroeste que teve como objectivo a promoção da Candidatura dos Castros do Noroeste a Património Mundial, visando uma consciencialização por parte das populações locais e dos potenciais visitantes, da riqueza científica e da enorme importância dos Castros enquanto materialidade que, ao longo do primeiro milénio a.C., foi estabelecendo a sua presença no Noroeste Peninsular.

A importância dos castros do Noroeste Peninsular como legado da Idade do Ferro encontrava-se ameaçada, sendo factor determinante para intervir na necessidade de reabilitação e nas potencialidades de reconversão dos castros em espaços de desenvolvimento económico, social e cultural impulsionando assim esta candidatura a património Mundial da Unesco.

3 Cultura Castreja

A Cultura castreja desenvolveu-se no século VI a.C., numa ampla zona do noroeste da Península Ibérica, entre os rios Douro e Návia e a Oeste do Maciço Galaico, tendo desenvolvido um tipo muito peculiar de assentamentos, chamados castros, diferentes de outras áreas da península.

Os Celtas do Noroeste Peninsular correspondem a uma realidade institucional.
Antes, durante e após a dominação romana, Kaltai na Idade do Bronze, Gallaecia na Idade do Ferro, o Noroeste Atlântico de Ibéria, experimentou uma organização territorial, principesca, céltica e indoeuropeia, que todavia funcionava muito avançada na Idade Média. (Granha.A)
Vulgarmente conhecida como cultura castreja, actualmente alguns estudiosos, entre eles, André Penha Granha, Arqueólogo do concelho de Naron (Galiza), defendem que esta denominação deveria ser substituída por Cultura Galaica de organização territorial do tipo castreja, dada a importância das estruturas civilizacionais que configuram a cultura como avançada do ponto de vista organizacional e institucional.

4 Os castros

Os castros eram povoados fortificados situados num lugar estratégico para facilitar a defesa da população. Tinham também que dispor de acesso fácil a recursos alimentícios e água, pelo que se situavam habitualmente entre a zona de montes e prados e a de bosque e cultivos. Existiram castros de muitos tamanhos e tipos; entre estes destacam-se os da costa e os do interior.

As plantas destes assentamentos são redondas: mais ou menos circulares ou ovaladas. No seu interior as construções, nas quais também dominam as formas circulares ou elípticas, distribuem-se sem ordem aparente, ainda que é possível que existisse algum tipo de organização e que os agrupamentos respondessem a algum tipo de função que se desconheça hoje.

Ainda que não se sabe exactamente o seu número; a quantidade total, para todo o território do noroeste, devia rondar os 4000 ou 5000, o que indica uma elevada densidade de povoação para a época.

"Durante dois terços do ano, os castrejos alimentam-se de bolotas, que secam e trituram e, depois, moem para fazer pães, que conservam por muito tempo" (Estrabão)

5 Os povos castrejos

Os povos castrejos (já conhecidos pelos Gregos com o nome de "Kallaikoi", ou seja, Galaicos) foram definitivamente derrotados e absorvidos pelos Romanos no ano 19 a.C., invadidos desde a Lusitânia pelas tropas de Décimo Júnio Bruto, o Galaico. Os Romanos organizavam os territórios que dominavam em províncias, subdivididas em dioceses, conventus, municípios, e outras fórmulas, o que lhes permitia uma melhor administração, arrecadar impostos, exercer a justiça ou manter a segurança interior e exterior. Nos quase cinco séculos de dominação romana, o noroeste peninsular passou por diferentes fórmulas organizativas.

Provavelmente os romanos tiveram em conta a homogeneidade e particularidade cultural anterior à conquista. Porém, a Gallæcia romana (Galécia) ocupava, aproximadamente, a área cultural castreja que era bastante mais ampla que o território compreendido dentro dos limites administrativos da Galiza actual.

Para controlar a província romana da Gallæcia também se serviram da organização preexistente, uma organização caracterizada pela existência de diferentes povos (populi), cada um deles integrado à sua vez por um certo número de núcleos de povoação (os castros).

A cultura castreja, no período final, caracteriza-se pelas monumentais esculturas em granito. Estas esculturas representam heróis ou príncipes – os guerreiros galaicos – e berrões que provavelmente tinham uma função protectora. A joalharia castreja apresenta influências Mediterrâneas e da Europa central e são característicos os torque e os brincos.

Sílio Itálico descreveu-os no Épico Púnica.

“Sábios na adivinhação pelas entranhas, penas,
e chamas, mandou a rica Galécia seus jovens,
que agora ululam as canções bárbaras da sua língua,
pisando a terra batida, a pés alternados,
e acompanhando o feliz número com os seus escudos ressoantes. ”

6 A Rede de Castros do Noroeste

Os Castros sendo omnipresentes na paisagem, não são suficientemente valorizados pelas comunidades locais. No entanto, constituem mais-valias em termos científicos e turísticos.

O processo de criação da Rede de Castros do Noroeste pretende promover turisticamente estes sítios, salvaguardando-os de actos negligentes.

A Rede promove igualmente um correcto ordenamento do território, nomeadamente com a criação de estruturas destinadas à investigação, projectos de conservação e marketing, elevando alguns destes sítios à categoria de Património da Humanidade no âmbito da UNESCO, ou permitindo de igual forma a sua classificação como Património Europeu.

Neste sentido a criação da Rede de Castros do Noroeste Peninsular visa promover a divulgação e salvaguarda de um conjunto de sítios arqueológicos, conhecidos como Castros, Cividades ou Citânias, que constituem expressões materiais particularmente relevantes do conjunto de povos que ocupou esta região da Península Ibérica, em particular no período anterior à chegada dos romanos.

Sítios de notável enquadramento paisagístico, ocupando geralmente cabeços de média altitude mas com uma implantação estratégica que lhes permite dominar visualmente um extenso território envolvente, muitas vezes bacias hidrográficas ou zonas litorais, e lhes confere uma posição de lugar central no quadro do respectivo ordenamento territorial.

Integram esta Rede: Castro de Alvarelhos (Trofa), Castro de Monte Mozinho (Penafiel), Castro de Outeiro Lesenho (Boticas), Castro do Padrão (Santo Tirso), Castro de São Caetano (Monção), Castro de S. Lourenço (Esposende), Citânia de Briteiros (Guimarães), Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo), Cividade de Bagunte (Vila do Conde), Cividade de Terroso (Póvoa de Varzim).

7 Citânia de Briteiros

As suas ruínas foram descobertas pelo arqueólogo Martins Sarmento em 1875.

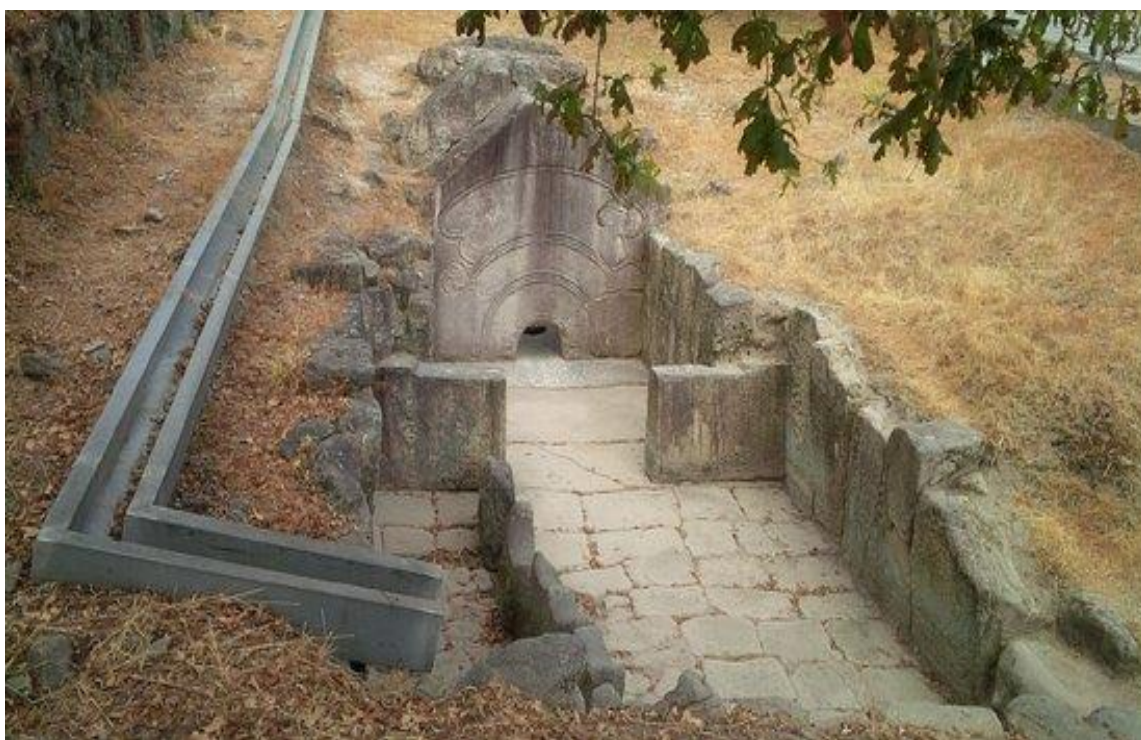
Outros monumentos do mesmo carácter têm sido identificados em diversos castros da região asturo-galaico portuguesa em Paços de Ferreira, na citânia de Sanfins. Como testemunho do primitivismo das origens da citânia de Briteiros existem os achados de instrumento de pedra eneolíticos ou de bronze inicial. Por outro lado, as "mamoas" nas vizinhanças da citânia e as gravuras rupestres nas encostas dos montes próximos mostram a existência de uma cultura autóctone anterior à romana.

Interpretações recentes permitem atribuir à Citânia de Briteiros o papel de capital política dos "Callaeci Bracari" no início do século I, onde se reuniria o respectivo "consilium gentis" na grande casa circular de bancos adossados às paredes.

Encontra-se classificada como Monumento Nacional desde 1910.

Do tipo citânia, apresenta as características gerais da cultura dos castros do noroeste da península Ibérica. Consiste nos restos de uma povoação, em um sítio elevado, com traços culturais celtas, murada. Na realidade existem três muralhas, com dois metros de largura, em média, e cinco metros de altura.

Revela-se nesta cultura traços da influência indígena no dispositivo topográfico da povoação, no traçado das muralhas, na planta circular das casas, no processo da sua construção e na decoração com motivos geométricos.

Um dos monumentos pré-romanos mais curiosos é um balneário, constando de uma pequena câmara redonda ligada a um recinto quadrangular. Os dois compartimentos eram divididos por uma estela de forma pentagonal, com uma pequena abertura no fundo para se poder passar de um para o outro. Uma das câmaras servia para se tomarem banhos de vapor, a outra para se tomarem banhos de água fria. Durante algum tempo, pensou-se que este balneário fosse um edifício de carácter funerário.

7.1 Museu da Cultura Castreja

O Museu da Cultura Castreja está instalado no Solar da Ponte, propriedade da Sociedade Martins Sarmento, construção do séc. XVIII/XIX com um belo Parque, foi residência da família de Francisco Martins Sarmento. Este colocou a sua inteligência ao serviço da sua curiosidade ilimitada e tornou-se um respeitado investigador de nível europeu.

O Museu da Cultura Castreja é o primeiro espaço dedicado à cultura castreja, cultura autóctone que apenas existe no noroeste peninsular e é a matriz cultural desta faixa atlântica da Península Ibérica. O Museu evidencia a importância daquela cultura, constituindo, também, o justo preito de homenagem ao Sábio que a libertou do manto de encantamento com que as mouras a esconderam durante séculos.

8 Citânia de Sanfins

A Citânia de Sanfins localiza-se quase na sua totalidade na freguesia portuguesa de Sanfins de Ferreira e a parte sudoeste na freguesia de Eiriz, ambas no concelho de Paços de Ferreira, distrito do Porto.

É uma das mais importantes zonas arqueológicas da civilização castreja na Península Ibérica. Surgiu por volta do século I a.C. e ocupa uma área de cerca de 15 hectares, numa colina integrada numa zona de montanhas de afloramentos graníticos, num local estratégico entre a região do Douro e do Minho.

Há vestígios da ocupação do local da Citânia, desde o século V antes de Cristo, embora a grande cidade tenha sido a do tempo dos calaicos, criada entre os séculos II e I a.C.

Nessa época, estima-se que tenham lá vivido três mil pessoas, uma população que vivia essencialmente de trabalhar o ferro, com grande vocação guerreira, ficando outras actividades económicas, como a agricultura, a cargo de outros castros dos arredores, delas dependentes.

Era a cidade-sede de uma região mais vasta, que abrangia as actuais Valongo, Maia e Penafiel, e onde estava o poder político e militar. Os romanos acabariam por lá chegar, poucos anos antes do nascimento de Cristo, mas com dificuldade.

A Citânia estava protegida por várias linhas de muralhas. As muralhas defensivas adaptam-se de forma notável ao terreno, com uma planificação regular e arruamentos ortogonais.

8.1 Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins

O Museu Arqueológico da Citânia está instalado em Sanfins de Ferreira, na proximidade da Citânia, num edifício barroco, conhecido por Casa da Igreja ou Solar dos Brandões, que, com a antiga igreja e residência paroquial, constituem um conjunto arquitectónico de interesse histórico local.

O solar tem uma organização muito original e muito marcada pelo sítio. A casa foi feita, conforme garante inscrição, em 1722, sendo mais tarde nobilitada com pedra de armas, concedida em 1775. Desta época, é o portal nobre que fecha o pátio da casa, ameado e em estilo Rococó, onde se ostenta a grande pedra de armas.

A igreja velha de Sanfins convive e marcou o edifício anterior.

Em bom aparelho granítico, foi remodelada em 1865, mas conserva espaços e restos de construção do século XVI, onde se destacam frescos quinhentistas de importância. Na sua capela-mor mantêm-se ainda cachorros que pertenceram a uma fase de construção anterior, medieval.

O museu foi fundado em 18 de Outubro de 1947, ocupando uma sala de disponibilizada pelos proprietários do solar, foi solenemente inaugurado em 14 de Janeiro de 1984, após aquisição da Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

Projectado como centro de estudo, conservação, exposição e valorização da Citânia de Sanfins e do património arqueológico do conselho, este Museu é hoje reconhecido como uma dinâmica instituição com actividades de investigação especializada, apoio pedagógico, divulgação científica e intervenção cultural, que se vêm afirmando de primordial importância para o conhecimento do nosso passado comum.

Com a reformulação do Museu em 1995, apoiada financeiramente por programas comunitários, a área de exposição ocupa o edifício principal do Solar dos Brandões. A reserva e a unidade de investigação e administração estão instaladas na antiga residência paroquial, e a Igreja Velha serve de auditório e espaço para exposições temporárias. Nos anexos está instalada a casa do guarda, alojamento e outros serviços de apoio.

A exposição permanente mostra o espólio das escavações da Citânia de Sanfins e os materiais arqueológicos recolhidos na área do concelho de Paços de Ferreira, documentando inúmeros vestígios das comunidades implantadas na região desde o Neolítico. Uma notável escultura de guerreiro é a imagem tutelar da comunidade castreja.

9 Conclusão

Tendo em conta os objetivos de ligação entre o património e o desenvolvimento, nomeadamente, o estudo da lei de bases do Património, que estabelece princípios basilares que visam ***"assegurar, no território português, a efectivação do direito à cultura e à fruição cultural e a realização dos demais valores e das tarefas e vinculações impostas, neste domínio, pela Constituição e pelo direito internacional*"**, pareceu-nos interessante do ponto do vista da intervenção comunitária perceber de que forma é que a criação da Rede de Castros do Noroeste, contribui para o desenvolvimento económico, social, cultural e politico abrangente, que contando com a participação de todos visa a melhoria do bem-estar geral da população.

Sendo assim a Rede de Castros, que por si só, configura uma inter-relação cultural, social, económica e politica, é um factor de intervenção comunitária, ligando vários municípios, que trabalhando em conjunto, apresentaram um projecto que visou a classificação de um Património conjunto, como Património Mundial da UNESCO.

Essa candidatura apesar de não ter sido ainda aprovada como Património Mundial, lançou as bases para a continuação de uma parceria intermunicipal, que visa uma futura apreciação por parte da UNESCO

Para além desse objectivo, pretendemos de igual forma descrever de forma sumária a Cultura Castreja, os sítios arqueológicos e as estruturas de apoio, nomeadamente os Museus.

A escolha da Citânia de Briteiros e da Citânia de Sanfins, pareceu-nos pertinente devido ao facto de existir, não só um restauro de algumas construções primitivas de forma a tornar perceptível o modo de vida da Citânia, bem como a reconversão dos Solares, anteriormente, casas de família em Museus, atribuindo assim aos edifícios antigos um novo uso.

Estas ligações entre os sítios arqueológicos e os edifícios reconvertidos, são importantes e saudáveis , por configurarem uma potenciação o valor estético, arquitectónico, histórico e socio- cultural dos conjuntos históricos no seu todo.

Do ponto de vista sociológico, é interessante perceber, que tal como sucede hoje, em que a globalização é um fenómeno inerente á sociedade, também os povos do Noroeste Peninsular, foram tal como outros, sujeitos a um processo de romanização, que podemos considerar como a primeira etapa da globalização, com a criação de um Império que está na base da nossa cultura actual.

Concluindo, este trabalho pretende com uma ligação ao passado, descrever quem vivia e como viviam os povos das Citânias, e de que forma actualmente podemos potencializar esse legado histórico no sentido de atrair visitantes conscientes do valor patrimonial e cultural, contribuindo assim para um desenvolvimento que se espera sustentável e duradouro.

10 Webgrafia e Bibliografia

www.cediec.pt

castrosdonoroeste.gov.pt

www.facebook.com/castrum.novum

www.guimaraesturismo.com

www.cm-pacosdeferreira.pt

www.rotadoromanico.com/.../A_Rede_de_Castros_do_Noroeste_pp.227-236.pdf